



Anta do Monte das Figueiras no decurso da escavação.

LEONOR ROCHA

8.7

ANTA DO MONTE DAS FIGUEIRAS PAVIA

A intervenção realizada na Anta do Monte das Figueiras, em 2003, enquadrou-se no PNTA “*Estudo do Megalitismo Funerário no Alentejo Central*”, dirigida pela signatária. O monumento apresentava-se, à partida, muito destruído, pelo que o objectivo desta intervenção era o de tentar recuperar o máximo de informação possível, antes que este viesse a ser completamente destruído.

Tendo em conta o estado de destruição de monumento, os objectivos da intervenção foram os de verificar e avaliar o grau de destruição ocorrido na câmara tentando, simultaneamente, esclarecer e verificar a existência de um eventual corredor e obter dados cronoculturais.

Os trabalhos arqueológicos de escavação e registo seguiram os pressupostos metodológicos propostos por Barker (BARKER, 1989) e Harris (HARRIS, 1991). Com o intuito de se escavar toda a área, que nos parecia ter restos da mamoa, foi marcada uma quadricúla com 7m de lado.

Inicialmente, eram visíveis duas tampas (uma na vertical, encostada a uma à azinheira e outra deitada) e dois esteios, um deles de xisto. A escavação realizada permitiu verificar que os esteios existentes se encontravam sobre o afloramento, tendo os materiais arqueológicos sido recolhidos nas depressões deste.

Fase I: Construção da sepultura.

O monumento deveria assentar directamente sobre o substrato rochoso, aproveitando as suas irregularidades, dado que não se identificou qualquer área em que este tivesse sido rebaixado para encaixe dos esteios.

Também não se identificou qualquer tipo de estrutura que se pudesse relacionar com os calços dos esteios.

As pedras que se encontravam amontoadas à superfície poderão ser restos da mamoa que, aparentemente, também aproveitou os desníveis do afloramento.

As terras da mamoa não apresentavam quaisquer materiais arqueológicos.

Fase II: Utilização do espaço

O espaço funcional do sepulcro encontrava-se completamente destruído, com o esteio de xisto totalmente solto, não sendo possível compreender a sua planta. No entanto, a dimensão dos esteios existentes leva-nos a supor que se trataria de uma pequena sepultura, sem corredor, semelhante à Sepultura da Têra, intervencionada por V. Correia (Correia, 1921).

Os escassos materiais arqueológicos recolhidos neste monumento (cerâmicas e líticos) encontravam-se inseridos nas camadas que assentavam directamente sobre o substrato geológico, nos seus interstícios.

Considerando a violação que este monumento sofreu, num momento posterior ao da sua utilização, no período pré-histórico, a quantidade e a dispersão do espólio,

correspondem apenas ao que se conservou do nível arqueológico que foi profundamente afectado.

Fase III: violação/destruição

Esta última fase está relacionada com diversos momentos, posteriores à sua utilização, os quais destruíram significativamente não só a estrutura do monumento como também a sua fase de utilização como espaço funerário.

A presença de fragmentos de cerâmica da Idade do Ferro (um deles inserido numa raiz que não foi possível retirar) leva-nos a considerar que a primeira fase de destruição deste monumento poderá ter ocorrido nesse período.

Espólio

O espólio encontrado no monumento documenta a sua utilização como espaço sepulcral pré-histórico. Os materiais encontrados são de pedra lascada (lamelas de quartzo e quartzo hialino, lascas e restos de talhe de quartzo) e alguns fragmentos de cerâmica manual e de roda.

A escavação da Anta do Monte das Figueiras não trouxe, directamente, quaisquer contribuições para o conhecimento da evolução cronológico-cultural do megalitismo no Alentejo Central.

De fato, o seu elevado grau de destruição e os escassos materiais arqueológicos existentes, apenas nos permitem supor que se trataria de um monumento de pequenas dimensões com material lítico genericamente atribuível ao Neolítico médio/final.